

A INAPREENSIBILIDADE E ALGUMA ESQUIZOANÁLISE PARA AS SALAS DE ENSAIO

THE INAPPREHENSIBILITY AND SOME SCHIZOANALYSIS FOR THE REHEARSAL ROOMS

Tadzio Veiga¹
Universidade Federal de Ouro Preto
Bolsista CAPES
tadzio.j.v@gmail.com

RESUMO

O presente texto exercita um pensamento sobre o que nos acontece e o que pode nos acontecer numa sala de ensaio, tendo como ponto focal a figura do coreógrafo e preparador corporal em relação direta com os intérpretes que estão em movimento. Para tal exercício, me debruço na esquizoanálise, literatura de autoria de Gilles Deleuze e Félix Guattari com a qual trabalho teórica e praticamente nos meus trabalhos de dança e de teatro. Colocações anteriores aos escritos de Deleuze e Guattari, como Antonin Artaud, e posteriores, como Anderson Santos e outros esquizoanalistas contemporâneos, contribuem para os apontamentos com o que procuro chamar de coreógrafo-mecânico e de inapreensibilidade, unidades que se presentificariam nas salas de ensaio.

Palavras-chave: inapreensibilidade; coreógrafo-mecânico; esquizoanálise, Deleuze e Guattari, filosofia no teatro e na dança.

¹ Tadzio Veiga é diretor, performer e pesquisador. Mestrando em Artes Cênicas pelo PPGAC da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), bolsista CAPES – Consolidação em Artes Cênicas, sob orientação do Prof. Dr. Éden Peretta, investiga acontecimentos de corpo, de cena e de movimento em relação aos termos e atribuições teóricas relativas a eles. Possui Bacharelado em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. É diretor do Teatro da Matilha, amontoado de dança-teatro e linguagem performativa por onde realizou “Rito qualquer para qualquer coisa” (2023), “Foda-se eu” (2023) e “Dissolução festiva: geração z” (2019). **E-mail:** tadzio.veiga@aluno.ufop.edu.br

ABSTRACT

This text exercises a thinking about what happens to us and what can happen to us in a rehearsal room, having as its focal point the figure of the choreographer and body trainer in direct relationship with the performers who are in movement. For this exercise, I focus on schizoanalysis, literature written by Gilles Deleuze and Félix Guattari with which I work theoretically and practically in my dance and theater work. Placements prior to the writings of Deleuze and Guattari, such as Antonin Artaud, and subsequent ones, such as Anderson Santos and other contemporary schizoanalysts, contribute to the notes with what I seek to call choreographic-mechanical and inapprehensibility, units that would be presentificable in the rehearsal rooms.

Keywords: inapprehensibility; choreographic-mechanical; schizoanalysis; Deleuze and Guattari; philosophy in the theater and the dance.

Os tamanhos da apreensão

Elaborar um pensamento sobre os tamanhos da apreensão (das apreensões) pode ser uma tarefa infinita. Por aqui, dado o recorte específico, me proponho a exercitar o pensamento especialmente sobre a sala de ensaio, muito embora podemos dizer que são muitas as salas de ensaio: salas de aula de corpo em universidades, cursos técnicos ou cursos livres, salas de oficina, salas de ensaio de um espetáculo criado coletivamente, salas de ensaio quando ensaiamos sozinhos, salas de ensaio com direção centralizada etc. Além do recorte de espaço, podemos contextualizar a ênfase aqui presente levando em consideração o momento: quando as coisas estão sendo preparadas, experimentadas, levantadas, debatidas... e isso, é claro, pode abranger obras cênicas e coreográficas que consideram seu formato “final” como sendo tão aberto quanto àquilo que acontece nas salas de ensaio.

E em salas de ensaio muitas coisas podem acontecer, muitas coisas acontecem. Improvisamos, repetimos, diferenciamos. Sentamo-nos para conversar depois de experimentar ou experimentamos depois de conversar. E é também nestes momentos de conversa que aparecem as teorias (sim, já cansamos de dizer que a teoria e a prática andam juntas), como forma de ampliar os nossos horizontes, alcançar novas possibilidades discursivas ou mesmo contextualizar histórica ou filosoficamente algo que acabou de acontecer. Ler um material teórico antes da aula, buscar referências para debater em um ensaio de um espetáculo em processo de criação. Fato é que encontraremos a teoria em algum momento, nem que seja pela boca de uma outra pessoa que está sendo responsável pela transmissão dessa teoria.

O que tem me instigado tanto são algumas contradições conceituais que podem aparecer nestes espaços todos, sobretudo quando buscamos rigorosamente nos atentar às teorias disseminadas neles. Tal qual meu recorte de espaço, preciso então definir meu segundo recorte, o da teoria em si, isto é, de qual literatura, bibliografia e disseminação tratarei.

Tenho me relacionado com a obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari há algum tempo nas salas de ensaio e em meus cadernos de direção. A obra conjunta deles é também intitulada de esquizoanálise, embora Guattari tenha desenvolvido sua própria perspectiva esquizoanalítica posteriormente². A esquizoanálise é uma literatura, um conjunto de proposições, um exercício continuado de quem lê e de quem a pratica, é militância clínica mas também política.

O projeto em questão de Deleuze e Guattari buscava transparecer e atacar alguns modos de operação do desejo e da vitalidade em determinados espaços, sob a denúncia de que haveria uma cumplicidade perigosa entre o capitalismo que se desenvolvia no pós-guerra e a psicanálise freudiana que vinha sendo disseminada pela escola britânica. O encontro do filósofo e do psicanalista foi motivado por uma vontade de criar ou enfatizar rupturas com as estruturas do desejo e do corpo, de modo que podemos resumir o enfrentamento da esquizoanálise como sendo o das totalizações³.

Em certo momento, Deleuze juntamente de Guattari afirmaram que a obra deles era “imediatamente prática” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 85) e, num momento anterior, “unicamente funcional” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 426). Mais recentemente o psicanalista Anderson Santos defenderá o *dever esquizoanalista*, referente ao que chamou de *psicanálise menor*, reforçando ainda mais o caráter operacional da esquizoanálise. É também Santos que dirá que “a esquizoanálise nasce, existe e persiste entre pensamentos rizomáticos e o campo *transdisciplinar*” (SANTOS, 2022, p. 99, grifo meu). Santos se empenha em refletir sobre o estado da arte da esquizoanálise, e suas possibilidades de revitalização. Sua psicanálise menor é a conciliação operacional da psicanálise freudiana, o estruturalismo lacaniano e a pragmática deleuzoguattariana.

Vamos permanecer construindo uma psicanálise menor através da radicalidade de tantas obras e dobras que nos inspiram a inventar continuamente essa psicanálise, sendo cabível abandoná-la somente quando já não houver possibilidade de habitá-la. (SANTOS, 2022, p. 109)

² O esquizoanalista e pesquisador André Rossi dirá que de 1972 à 1980 ocorre a “esquizoanálise guattariodeleuziana” e que de 1980 à 1992, a “esquizoanálise guattariana” (ROSSI, 2021, p.19).

³ Na obra “O anti-Édipo” os autores trabalham com o conceito de “conjunto gregarista” ou “gregário” para intitular esses fenômenos de massa que aniquilam ou remanejam as singularizações. Outros termos que pode aparecer com este sentido são: “unificação” e “formas de soberania”.

Ora, nem mesmo as unidades de composição conceituais e literárias das obras que inauguram a esquizoanálise estão à salvo das estratificações que tanto buscam combater. Neste sentido, podemos olhar de forma metalinguística à esquizoanálise e suas elaborações adjacentes (tal qual Santos e outros pesquisadores da esquizoanálise tem feito). Fazer esquizoanálise com a própria esquizoanálise, ainda por cima no território das artes pode parecer indevido. Mas será também na pequenez, no sentido “menor” para Santos e para Deleuze e Guattari com relação à literatura de Franz Kafka, que busco apostar. Não levantar uma clínica na sala de ensaio ou considerar a sala de ensaio desde já uma clínica, mas improvisar com movimentos de desterritorialização e facilitação de alianças que vão aparecendo por ali.

Os debates atuais da universidade pública – digo debates no sentido literal, as relações entre estudantes e com as autoridades universitárias – costumam expressar a importância da democratização do conhecimento e a respectiva descentralização das operações do saber. Apostar numa “inapreensão” pode ir na contramão dessas forças tão comuns nos espaços acadêmicos que ocupamos na atualidade, mas, ainda assim, me parece favorecer uma ou outra oportunidade nossa de reencontrarmos certas forças. Como diria Deleuze em resposta a um crítico severo:

Essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo ligação elétrica. Corpo sem órgãos, conheço gente sem cultura que compreendeu imediatamente, graças a seus próprios “hábitos” graças à sua maneira de se fazer um. (DELEUZE, 2013, p. 17)

Mas já antecipo que não se trata de rasgar os livros e se desfazer das teorias, tampouco somente a essa que me debruço. O investimento que busco fazer aqui é de destituição do valor unificado desses termos e articulações conceituais, ao passo que simultaneamente se investiga com rigor a própria teoria. Talvez seja possível passar por algo que não se apreende, facilitar algo que não lhe foi compreendido, e isso não deverá ser considerado uma alienação de quem faz com relação aos meios de fazer.

Poderíamos *levar* Deleuze e Guattari para a sala de ensaio, fazendo deles motivadores de alguma dramaturgia escrita ou mesmo de forças (uma obra coreográfica, performática, instalativa ou visual), constituindo assim uma obra esquizodramática⁴ ou esquizocênica⁵. Mas podemos também, tendo em vista o caráter pulsional do acontecimento de um corpo sem órgãos

⁴ O termo faz referência ao esquizodrama, prática esquizoanalítica criada por Gregório Barenblitt, no ambiente clínico. Mesmo assim, é importante dizer que aqui trata-se de uma breve fabulação com o que seria a aglutinação de uma estrutura dramática e os preceitos esquizoanalíticos, o que poderia supostamente produzir uma obra com qualidade esquizodramática.

⁵ O filósofo e professor Peter Pal Perbart dá o nome de “esquizocênicos” aos experimentos que realiza com o grupo Ueinnz, composto por atores-filósofos-pacientes (PELBART, 2016, p. 265-290).

(e sua intitulação pelo poeta de um teatro cruel, Antonin Artaud), como será apresentado a seguir, considerar que a cena não é o espaço onde vamos colar o pensamento de Deleuze e Guattari, mas na verdade é o lugar onde podemos encontrar as forças que um dia também os motivaram a escrever sobre elas. É uma simplificação, um encurtamento. É neste sentido que considero a esquizoanálise como uma ferramenta potente da sala de ensaio, e que seu operador deve ser um coreógrafo e preparador corporal que é facilitador de alianças, muito mais do que um dramaturgo ou encenador de uma obra que pretende derrotar a estruturação mítica e totalizadora a qual Deleuze e Guattari denunciaram (acabando por forjar uma nova estrutura mítica). É menor, é de uma pequenez...

Apreender ou profetizar

Os últimos escritos de Antonin Artaud aparentam um ponto de vista mais bem especificado sobre o que ele tanto buscava. A força, a fúria, a verdadeira cultura, a crueldade, o corpo sem órgãos. Vários termos, favorecidos por diferentes analogias e apologias, para acontecimentos singulares que libertariam o indivíduo, e isto porque o *acontecimento singular em si seria a libertação*. Desde os textos de teatro, Artaud nos exemplificava os problemas dos órgãos, assim como em seus últimos textos, posteriores à emissão radiofônica que intitulava o corpo sem órgãos, retomam a ideia de um teatro da crueldade. A “doença” e as torturas decorrentes do “tratamento” dessa doença (ele estava realmente doente?) parecem ter dado a Artaud uma sensibilidade pertinente para o reconhecimento do trabalho que envolveria encontrar o que tanto desejou, “se pode ver a olho nu contanto que se tenha como eu, longa, acre e sistematicamente sofrido” (ARTAUD apud VIRMAUX, p 323). O corpo torturado, definhado, lobotomizado, perdido, já não teria a mesma oportunidade de reencontrar o que fora perdido.

Eu não lhes mostrarei esta noite o que demandaria muitas horas de exercícios progressivos a fim de começar a transparecer. / aliás para isso é preciso ar e espaço. / é preciso sobretudo uma aparelhagem que não possuo. [...] Teria sido preciso que eu cagasse sangue pelo umbigo para chegar ao que eu quero. (ARTAUD apud VIRMAUX, 2009, p. 324 e 325)

Artaud se coloca como alguém que não irá obter isso que tanto almejava e mesmo assim continua investindo em escrever sobre. Se antes havia uma tentativa de alcançar isso com o próprio corpo – pela respiração, pelo uso de substâncias, pela participação de rituais – agora o alcance estaria necessariamente nos outros.

Mas vocês ouvirão certamente nos textos que serão ditos / vindos daqueles que os dizem. / gritos e impulsos de uma sinceridade / que estão no caminho desta revolução

fisiológica total sem a qual nada pode ser mudado. (ARTAUD apud VIRMAUX, p. 324, 2009)

E ainda profetizará, em sua “Última carta sobre o teatro”:

Isto se fará. / Tive uma visão hoje à tarde / vi aqueles que me seguirão e aqueles que ainda não têm um corpo porque os porcos como aqueles do restaurante de ontem à noite / comem demais. / Existe quem coma demais / e outros como eu que não podem mais comer sem escarrar em vocês. (ARTAUD apud VIRMAUX, 2009, p. 335)

O gesto de Artaud é de duplo reconhecimento: um primeiro relacionado ao limite individual e um segundo das possibilidades de aparição desses acontecimentos em outros, em futuros outros. Profetizar o acontecimento neste sentido pode ser reconhecer a pequenez daquele que o profere. Há um movimento parecido na obra de Deleuze e Guattari, que povoa toda a obra, mas que tem uma correspondência poética pertinente no Volume 4 dos Mil Platôs.

No texto “1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível...”, Deleuze e Guattari se definem como feiticeiros, o que também acaba por apresentar qual é o conceito de feiticeiro na perspectiva deles. Me utilizo do segundo grupo de atribuições sobre a feitiçaria, que dirá respeito à relação que se estabelece uma relação com o animal (ou ainda, matilha) que não sofre da mesma segmentação-organização que nós, humanizados e serializados. Primeiramente devemos considerar que o feiticeiro lidará com devires, mas isso não significa que ele os produz – ele, na verdade, reconhece que deve se aliar com um ou outro, um “indivíduo excepcional”, para devir. O excepcional se destaca em meio ao agrupamento que faz parte, ele se distingue por algo que chamaremos de “fenômeno de borda” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 28) e de *anômalo*, o que porta a anomalia em diferenciação da matilha. A matilha está lá, em movimento de agrupamento e contínua reorganização, e o indivíduo anômalo da matilha é o que vetoriza os movimentos e deslocamentos territoriais e de performance dela.

Os feiticeiros sempre tiveram a posição anômala, na fronteira dos campos ou dos bosques. Eles assombram as fronteiras. Eles se encontram na borda do vilarejo, ou entre dois vilarejos. O importante é sua afinidade com a aliança, com o pacto, que lhes dá um estatuto oposto ao da filiação. (ibidem, p. 29)

O anômalo não é nem indivíduo nem espécie, ele abriga apenas afectos, não comporta nem sentimentos familiares ou subjetivados, nem características específicas ou significativas. (ibidem, p. 28)

Já podemos deixar evidenciar as diferenças entre algumas das figuras conceituais que estão sendo operadas no texto supracitado. Numa ponta, a criatura singular, o “Demônio”, o “Único”, o “Solitário” (ibidem, p.26) – este que porta a força, uma potência e um acontecimento que o agrupamento não tem ou ainda não atingirá sem esta diferenciação. Na outra, o feiticeiro

que pretende estabelecer um pacto para experienciar as forças desta singularidade. São figuras conceituais, mas são também posições relativas aos acontecimentos e às alianças necessárias para eles. Mas quem é o feiticeiro numa sala de ensaio? E quem é o anômalo? Somente um performer por vez será anômalo? Quem distingue as anomalias? O dramaturgo, o diretor, o coreógrafo, o preparador corporal? Isso importará? Essas posições serão flexíveis?

Assim como Artaud, Deleuze e Guattari reconhecem o papel do que profere, do que enfeitiça, pois “não basta parecer um lobo ou viver como um lobo para produzir lobisomens” (ibidem, p. 30). Este que profere, este que analisa as forças, este que observa, descreve e expõe criativamente o que observou não porta o devir de antemão. Talvez ele reconheça sua própria sedimentação, e declara a aliança como uma oportunidade de algo acontecer. É sempre em relação. “Há sempre pacto com um demônio, e o demônio aparece ora como chefe do bando, ora como Solitário ao lado do bando, ora como Potência superior do bando” (ibidem, p. 26).

Um trabalho interessante para o coreógrafo. Mais do que detentor dos devires ou propositor de programas que façam surgir os corpos sem órgãos, ele é um observador que tem seu papel na facilitação dos encontros, isto é, na facilitação das alianças entre os intérpretes. É aí que a profetização de Artaud e a feitiçaria de Deleuze e Guattari trazem apontamentos para o ato de coreografar – é também uma oportunidade de refletir praticamente sobre o tamanho da coreografia: “É assim que operamos, nós feiticeiros, não segundo uma ordem lógica, mas segundo compatibilidades ou consistências alógicas.” (ibidem, p. 36)

As tarefas da esquizoanálise e a coreografia

Definir o que é a esquizoanálise pode ser tão difícil quanto definir o que é a coreografia. Mas podemos experimentar, assim como ambas são experimentadas. Ao longo da obra “Capitalismo e Esquizofrenia” de Deleuze e Guattari encontramos diversas definições do que é a esquizoanálise, que podem ainda se aliar com as especificidades colocadas somente por Guattari nas obras escritas posteriormente ao encontro deles. Por aqui, agora, me proponho ao breve trabalho de contextualizar a esquizoanálise a partir de colocações mais práticas, convencendo-nos de sua qualidade operacional e alimentando nosso pensamento sobre ela.

Em salas de oficina ou de aula, dentro das salas de ensaio – antes e depois das práticas – sinto que alguns questionamentos poderiam aparecer. Por vezes eles aparecem, mas sempre um tanto maquiados, não tão explícitos. São coisas próximas disso: mas o que é a esquizoanálise ou ao menos o que se faz depois de ler esquizoanálise? Onde “uso” isso? Quando já estou usando? Devo inventar uma clínica? Quando sei que se criei um corpo sem órgãos? Devo saber se criei um corpo sem órgãos? Quem tem devir?

*A esquizoanálise não tem outro objeto prático: qual é o seu corpo sem órgãos? Quais são suas próprias linhas, qual mapa você está fazendo e remanejando, qual linha abstrata você traçará, e a que preço, para você e para os outros? Sua própria linha de fuga? Seu CsO [corpo sem órgãos] se confunde com ela? Você racha? Você rachará? Você se desterritorializa? Qual linha você interrompe, qual você prolonga e retoma, sem figuras nem símbolos? A esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. *Análise do desejo, a esquizoanálise é imediatamente prática*, imediatamente política (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p.84 e 85, grifos meus)*

Dirão ainda, na sequência, que “a prática não vem após a instalação dos termos” – isso será de grande importância no fechamento do presente texto. E pode ser importante, uma vez que estamos tentando defini-la, então dizer quais são as tarefas da esquizoanálise, o que pode também nos fazer melhor pensar sobre o que faz aquele que opera a esquizoanálise – o esquizoanalista.

A pragmática de Deleuze e Guattari pode ser resumida em três tarefas, que se apresentam, no geral, de forma misturada ao longo das frases, parágrafos e platôs. A primeira tarefa que vou apresentar é a destrutiva (ou negativa), é a chamada “curetagem do inconsciente” (Deleuze, Guattari, p. 411, 2011): “destruir crenças e representações, cenas de teatro” (ibidem, p. 414), e, uma vez que o inconsciente e o desejo são produtivos e criativos,

[...] explodir Édipo e a castração [lembramos da inimizade da esquizoanálise com a cumplicidade entre uma ala da psicanálise e o capitalismo], intervir brutalmente toda vez que um sujeito entoe o canto do mito ou os versos da tragédia, reconduzi-lo sempre à fábrica. (ibidem)

Devemos nos empenhar nas “destruições necessárias”, em busca de uma “terra nova”, um plano em que as territorializações totalitárias e totalizantes não cortam o desejo em função de determinada produtividade – é esse o plano do corpo sem órgãos, é ele próprio esse plano.

Em sua tarefa destrutiva, a esquizoanálise deve proceder com a maior rapidez possível, mas também só pode proceder com uma grande paciência, uma grande prudência, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações representativas pelas quais um sujeito passa na sua história individual. (ibidem, p. 420)

Após (e durante) a destruição de tudo aquilo que devemos destruir, podemos colocar uma outra tarefa da esquizoanálise. A segunda aqui citada, mas intitulada como “a primeira tarefa positiva” (ibidem, p. 426) é aquela que confere ao esquizoanalista a análise de quais são as forças e as fragilidades sedimentadas no sujeito. É aqui que lemos que “o esquizoanalista é um mecânico, e a esquizoanálise é unicamente funcional” (ibidem). O esquizoanalista irá empenhar um papel operacional de analisar quais são as organizações, quais as formações dos órgãos, quais os cortes do desejo – o que participa da maquinaria do desejo deste sujeito, o que

não participa. Reconhecer o que enganchou no corpo sem órgãos para que ele se apresentasse assim, furtado de sua potência, ordenado de determinada forma, com suas diversidades recortadas para determinados fins. E lembremos que o corpo sem órgãos sempre está potencialmente aí, o trabalho é restitui-lo, provocar seu (re)aparecimento.

É em relação ao que fomos diminuídos que algum acontecimento se fará presente, é dançando sobre os estratos que experimentamos alguma desestratificação, pois

[...] esta tarefa positiva não pode separar-se das destruições indispensáveis, da destruição dos conjuntos molares [os desejos e significações correspondentes às edificações totalitárias, gregárias e de soberania], estruturas e representações que impedem a máquina [desejante, potencialmente desorganizada e não unificada] de funcionar. (ibidem, p. 449)

Se a primeira tarefa positiva e mecânica é operada em uma escala pequena, veremos que a segunda tarefa positiva lidará com definições molares, numa espécie de levantamento de como esses cortes a nível de indivíduo e de sujeito tem sido fomentados por uma escala molar. A segunda tarefa deve ser uma análise dos espaços totalizados que o corpo tem sido encaixado. Se na primeira tarefa nos perguntaríamos quais os cortes, na segunda questionamos com que estruturas se concebeu o corte. Se na primeira tarefa positiva lidamos com o “regime de produção desejante”, na segunda devemos olhar para o “regime da produção social”. E lembremos: “é a mesma produção, mas sob dois regimes diferentes” (ibidem, p. 504).

Pouco após todas essas colocações, os autores fecharão “O anti-Édipo” dizendo que deveríamos “ver como procedem efetivamente, simultaneamente, essas diversas tarefas da esquizoanálise”. São elas: uma tarefa de destruição do que faz a contínua manutenção do enfraquecimento das forças, uma tarefa de reconhecimento das possibilidades e das diminuições das forças, uma tarefa de reconhecimento dos investimentos sociais e em como reincidir neles a partir das forças e não das estruturas.

Um esquizoanalista analisa forças⁶, seu campo analítico é o campo das forças e do combate ao enfraquecimento. O capitalismo e a psicanálise em cumplicidade a ele forjam enfraquecimentos em função de uma produtividade especificada. Um coreógrafo apropriado da esquizoanálise como operação da cena e da dança pode ser um mecânico ou “micromecânico” (ibidem, p. 449), tal qual o esquizoanalista. Em seu recorte específico, que é o do movimento, da improvisação, da ordenação de fatores, do alongamento, dos músculos e cartilagens, pode

⁶ Na antologia “Psicanálise e esquizoanálise: diferença e composição”, organizada por Anderson Santos e mais cedo citada, os autores apresentam com frequência essa ideia ou propostas análogas. A antologia é um conjunto de textos que buscam refletir sobre a esquizoanálise na atualidade, sobretudo no que diz respeito à sua possível dissolução em função de uma ampliação da própria psicanálise em virtude da leitura de obras como a própria esquizoanálise de Deleuze e Guattari.

pensar o que diminui, o que repete, quais convenções justificam as diminuições e repetições, o que a anatomia perdeu devido ao regime simultaneamente disciplinar e altamente produtivo, quais as aparições do desejo e quais as alianças demoníacas possíveis de se realizar essas aparições. Um coreógrafo-mecânico que é analista das forças que irrompem nas salas de ensaio. Como colocado por Guattari em sua “Caosmose”, “o trabalho da análise consiste em mudar as coordenadas enunciativas e não em dar chaves explicativas” (GUATTARI, 2012, p. 78).

Desestimular o apreensivo

Os textos que escrevo tem funcionado também como diários de bordo intensivos. Esse termo, “diário de bordo”, reapareceu para mim recentemente, e me lembrou das minhas primeiras aulas de teatro, ainda criança. Atualmente trabalho com diários de ensaio e de planejamento, que são também cadernos de direção. O que acontece é que cada publicação acadêmica ou ensaística acaba condensando em poucas páginas até onde chegamos em pesquisa e criação. Sendo assim, os textos que exercitam uma reflexão da pesquisa teórico-prática do presente autor são intensivos em dois modos: aglutinam em poucas linhas pensamentos que surgiram em meses; e registram, com todas as falhas que devem ter, as intensidades do presente momento de escrita. Escrever por intensidades, velocidades, era também esse o interesse conjunto de Deleuze e Guattari.

E é assim que me proponho a contraditoriamente escrever sobre a dança que se esquiva de sua própria apreensão, me questionando também sobre qual é o lugar de quem escreve nisso tudo. Não vamos conseguir superar o modo de registro das coisas em nossas cabeças. Não vamos estalar os dedos e mudar o modo como recebemos, lemos e compreendemos a literatura teórica – por mais singularizante que ela se proponha a ser. “Nunca podemos apreender a desterritorialização em si mesma” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p 418).

Curiosamente, posso dizer que me coloco aqui à beira de um antideleuzianismo, mas que deve funcionar como um retorno à afirmatividade deleuziana outrora perdida, outrora tornada forma de afirmatividade (ou forma de potência⁷, ainda). Um *antipragmatismo*. E me permito simplificar um pouco essa questão: se mantendo o caráter afirmativo das proposições deleuzoguattarianas podemos diminuir a afirmatividade de nossas experiências e

⁷ São muitas as citações que podem ser feitas sobre a “forma de potência”. É necessário, para Deleuze e Guattari, sempre diferenciar o que é a potência (a “Potência”) e as formas de potência. As formas de potência têm uma imagem de potência, tem a potência atribuída a elas de modo único e unificado, isto é, essa forma torna-se totem da potência. O que ocorre então é uma confusão, acreditamos ser potência o que meramente é forma de potência. “[...] um grupo revolucionário permanece como grupo sujeitado, ainda que conquista o poder, do mesmo modo que esse próprio poder remete a uma forma de potência que continua a sujeitar e a esmagar a produção desejan- te” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 462)

acontecimentos, por que não criar pequenas estratégias de fuga até mesmo desta apreensão? A pequenez do coreógrafo-mecânico também me parece passar por aí. Não devemos, talvez, inflar o corpo sem órgãos e fazer dele o herói e também o performer de uma obra engajada na esquizoanálise, mas desestimular alguma assertividade relativa a isso tudo.

O apreensivo parece ter uma correspondência com o paranoico. Aqui rapidamente vamos diferenciar o polo paranoico e o polo esquizo. Ora, seria demais supor que a leitura e maquinaria de Deleuze e Guattari pode estar sendo operada por uma aparelhagem paranoica a qual eles não se cansam de denunciar? O conteúdo desta pragmática pode ser apreendido tal qual as capturas unificantes? Vejamos: o polo⁸ paranoico é este em que as formações de soberania – totalizações – são incorporadas e automatizadas. É ele o “reacionário e fascista” (ibidem, p. 486), enquanto o polo esquizoide é aquele que reconhece que precisa de um investimento diferente de sua própria natureza (lembramos dos anômalos, dos feiticeiros e demônios mais cedo citados). O esquizoide integra em seu desejo a diferenciação do próprio desejo e de seus respectivos (sempre diferenciados) objetos de desejo, enquanto o paranoico opera uma contínua reinserção de absolutamente qualquer nova possibilidade. Para não cairmos numa abstração deleuzianamente infinita, pensemos no caso de dois dançarinos: um primeiro que integra em sua técnica-raiz qualquer novo estímulo, novo assunto, nova força; um segundo em que seu movimento é guiado pelas diferenciações que lhe aparecem, isto é, movimentos distintos, outras atmosferas, espaços desconhecidos.

Tal qual o dançarino paranoico, podemos agir assim com o texto, com o que lemos, com o que nos é endereçado e com o que endereçamos. É por isso que venho propondo, aos poucos e de acordo com as anomalias dos intérpretes que partilho as salas de ensaio, algo que experimento chamar de inapreensibilidade, uma habilidade de não apreender, ou ao menos de não se demorar na apreensão ou objetivá-la. Essa inapreensibilidade necessariamente será uma intersecção entre texto filosófico, político e até mesmo clínico com o movimento, a coreografia, o gesto, a cena.

O curto-circuito já está evidente: a qualidade do que é inapreensivo não pode por excelência ser assertiva, ela sempre será menor, um caso de desestimulação da apreensão que está sempre em vias de registrar o que nos aparece. Neste sentido, o papel de um coreógrafo-mecânico que busca analisar forças e contribuir para a fruição dos acontecimentos pode ser, por vezes, o de desestimular. Desestimular algumas coisas, favorecer outras. Destituir a teoria e colocá-la na relatividade que lhe confere potência, mesmo que não consigamos medir

⁸ Deleuze e Guattari segmentam o investimento libidinal em dois polos: o paranoico e o esquizoide.

cartesianamente essa potência. A operação de uma coreografia menor e de estados de inapreensibilidade pode ser uma oportunidade para a dança, para o teatro, para a performance e para a leitura e a escrita de textos que elaborem tudo isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2ª edição. São Paulo: Editora 34: 2011

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4**. Tradução de Suely Rolnik. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. 2ª edição. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROSSI, André. **Formação em esquizoanálise: pistas para uma formação transinstitucional**. Curitiba: Appris, 2021.

SANTOS, Anderson (org.). **Psicanálise e esquizoanálise**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VIRMAUX, Alain. **Artaud e o teatro**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes Moura. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.